

A vida... um eterno caminhar

MURILO CABRAL*

Caminhar, caminhar sempre! O mundo e o universo estão a nossa espera. É só darmos o primeiro passo. Lá, bem detrás daquela serra projetada no horizonte, tem um córrego de águas cristalinas rolando sobre pedras que, represadas, formam um poço de águas da cor do céu, a nos esperar.

Quem caminha energiza seu corpo que, banhado pela endorfina, nos dá uma sensação gostosa de prazer, que nos deixa alegres e felizes.

Para ser feliz, é preciso ter auto-estima, sonhar sempre e compartilhar. E porque não acrescentar: também Caminhar! Há um caminho a nos esperar. Há uma estrada a percorrer. Há um atalho a seguir. Existem perfumes de flores espalhados pelo ar para sentirmos o cheiro da vida que flui naturalmente. Há uma sombra de árvore para nos abrigar. Há um poço d'água para nos refrescar. Há um olho d'água pura, nascendo em borbulhas, para sedentar a nossa sede. Há um pôr de sol e o seu nascer, sinalizando para nós que é hora de parar de caminhar ou começar de novo. Há uma lua imensa iluminando a noite ou estrelas brilhantes no céu para nos contemplar. Existem aves, pássaros e animais assustados com nossa passagem. Não esquecer do vento, da chuva, do frio e do calor nos fazendo lembrar dos temores infantis. Assim, vamos caminhando, seguindo em frente pelo finito em busca do infinito.

Eu fui caminheiro, sou estradeiro, serei sempre peregrino! Vou abrindo picadas, deixando pegadas, mudando de rumo, subindo serras, percorrendo vales, atravessando córregos, ora afastando e cortando águas com os meus pés, ora passando em pontes e pinguelas ou por sobre árvores caídas.

Assim, vou seguindo com destino ou sem destino, mergulhando de corpo e alma no âmago da natureza, sabendo que, no final da caminhada, eu vou encontrar o que procuro. Talvez a mim mesmo!

Eu não posso e nem quero parar. O meu destino é caminhar. Assim sou desde o dia em que nasci: peregrino passante, saudando a vida exuberante, vivendo um momento deslumbrante de um caminheiro sempre errante!

O futuro é agora e sempre há um momento certo para uma grande caminhada.

É preciso reescrever e andar pela história, reviver personagens, caminhar pelos caminhos que desafiaram desbravadores com seus sonhos

de aventuras, de riquezas, de encontrar serras de verdes esmeraldas, cascalhos repletos de diamantes e terras de ouro preto, de ouro branco, de ouro fino e de ouro amarelo. Terras de Sabarabussu! Ir em frente, abrindo novos caminhos, ou percorrer o caminho velho, o Caminho Geral do Sertão e entrar, adentrar nas terras dos Cataguás.

Nós deixamos de comemorar os trezentos anos da chegada no Vale do Rio das Mortes dos paulistas do Vale do Paraíba, de Taubaté. De lá, com a sua família e a sua bandeira, veio um para ficar – Tomé Portes D'El-Rey. Fundaram o Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar que está para completar trezentos anos.

Já é novembro é nada foi feito!

Nossos antepassados abriram trilhas para nós passarmos e vamos deixando pegadas para outros seguirem. Esta é a forma da humanidade caminhar.

Para cá, vieram paulistas e emboabas, bandeirantes oficiais e bandeiras de aventureiros, sonhadores sem escrúpulos e gente cheia de esperanças, a pé ou a cavalo, povo que se pôs a caminhar, bons e maus, traficantes e traficados, todos, como formigas de correção, em busca das Minas Gerais.

Sempre em sonho me vejo pegando carona com essa gente, não sei se no final dos seiscentos ou no raiar dos setecentos.

Percorri os caminhos do ouro, as trilhas da prata, as sendas

das esmeraldas e fui longe atrás dos diamantes. Cansei de matar e de ver morrer, de escravizar o índio nativo, caçando-o com escravos de outro lugar. Semeei esperanças, espalhei alegrias e dor nos tratos e maus tratos que passei e fiz passar. Fui cavaleiro e senhor, burro de carga e sofredor. Senti o fogo da chibata a rasgar a minha carne e contei, uma a uma, as que dei, abrindo feridas na pele morena ou negra, vendo o sangue brotar. Sonhei sonhos que tantos sonharam, sofri dores que tanto me marcaram. Enchi de ouro as minhas mãos, vi com os olhos da ambição as turmalinas sem valor espalhadas pelo chão. Amei muito e fui pouco amado. Lambuzei o suor do meu corpo no branco, no moreno e no preto de corpos sedentos de amor e sem amor, doados ou subjugados. Fiz amor no catre, no chão e em muitos lugares. Deixei um pouco de mim e levei muitas saudades, distribuindo dores e prazer.

Assim, foi o meu viver nesse meu sonho de imaginação. Mas teve muita gente que viveu assim como sonhei viver.

Cansei!

Tomé Portes, também D'El-Rey, não veio só desbravar. Veio morar. Trouxe família para procriar, semear, plantar e ficar. Vim com ele nos meus sonhos e aqui cheguei.

Morri um pouco com ele, por lâminas afiadas de punhais invejosos, por causa de braços e abraços de alguém.

Aqui fiquei!

Agora irei caminhar de verdade, percorrendo o mesmo caminho velho que trouxe o Tomé teimoso e obstinado para as margens do Rio das Mortes, onde ele encontrou a sua. Tinha vindo para ser o guardião do Porto Real da Passagem, para receber o devido pedágio por quem e que ali passasse. Deu passagem para os que vieram plantar sementes de arraiais e vilas pelos caminhos do sertão nas terras dos índios Cataguás.

Preciso formar uma bandeira!

Alguém quer caminhar comigo!

Ninguém!

O tempo urge e tenho que partir. Vou sair de Taubaté (SP), dia 20 de novembro, e aqui chegar no dia 8 de dezembro.

Todo caminheiro não anda sob protesto. Eu vou caminhar para lembrar a todos de coisas que não se pode esquecer. Eu vou caminhar mais quatrocentos quilômetros pensando nos trezentos anos que esquecemos de viver.

Mas sei, também, que não virei sozinho. Comigo, nós de São João, estaremos revivendo sonhos sonhados por tantos caminheiros sem caminhos e que nunca puderam caminhar, mas que nunca deixaram de amar ou de sonhar.

Vocês e eu, nós que somos prole e herança de Tomé Portes D'El-Rey e de tantos outros que por aqui chegaram, ou passaram ou ficaram, nesses trezentos anos, um pouco mais ou um pouco menos.

Vamos seguir juntos pelo caminho antiqüíssimo dos primitivos índios, pelo caminho velho de bandeirantes paulistas e de emboabas, o Caminho Geral do Sertão dos fins do século XVII e raiar do século XVIII. Vamos andar sobre as esperanças de um turismo salvador, pela Estrada Real, a artéria que guiará os peregrinos do século XXI, ansiosos para percorrer os caminhos antigos dos que procuravam o ouro, a prata, as esmeraldas, os diamantes, trazendo o progresso e levando histórias para contar.

...Levavam tudo que podiam. Mas ao longo do seu caminhar deixaram plantados nas Minas Gerais arraiais, aplicações, curatos e freguesias que se transformaram em vilas e estas, depois, em distritos e em cidades.

Irei caminhar pela história. Vamos? Ainda há tempo!

Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei

*"Vou caminhar 400
quilômetros pensando
nos 300 anos"*